



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E DA SAÚDE – FACES
PROGRAMA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

ESCOLA DE PAIS:
AVALIAÇÃO DA EFETIVIDADE DO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO
A PARTIR DE *FOLLOW-UP*

ALINE PICOLI G. DE ALMEIDA

BRASÍLIA

2017



ESCOLA DE PAIS:

AVALIAÇÃO DA EFETIVIDADE DO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO

A PARTIR DE *FOLLOW-UP*

ALINE PICOLI G. DE ALMEIDA

Relatório final de pesquisa de Iniciação Científica
apresentado à Assessoria de Pós-Graduação e
Pesquisa pela Faculdade de Ciências da Educação e
da Saúde – FACES.

Orientação: Profa. Dra. Michela Ribeiro

BRASÍLIA

2017

ESCOLA DE PAIS:

AVALIAÇÃO DA EFETIVIDADE DO PROGRAMA DE ORIENTAÇÃO A PARTIR DE *FOLLOW-UP*

Aline Picoli G. de Almeida – UniCEUB, PIBIC-CNPq, aluna bolsista

aline.picoli0401@gmail.com

Michela Ribeiro – UniCEUB, professora orientadora

michela.ribeiro@uniceub.br

Programas de orientação a pais e cuidadores de crianças têm sido bem-sucedidos, tanto no contexto nacional quanto internacional, na promoção de interações mais saudáveis, bem como no desenvolvimento de práticas educativas parentais positivas. A promoção dessas práticas parentais tem sido correlacionada com menor delinquência, menor evasão escolar, menor desenvolvimento de psicopatologias nas crianças, entre outros. O programa denominado Escola de Pais foi realizado no UniCEUB-Brasília-DF de 2014 a 2016, com a implementação de grupos de orientação a pais e/ou cuidadores, com 15 sessões semanais de 2 horas de duração. Os grupos podiam ter até 12 participantes e eles eram avaliados na primeira e última sessão em relação a sintomas de ansiedade e às práticas educativas parentais. O presente estudo teve como objetivo avaliar a efetividade do projeto Escola de Pais, na manutenção de práticas parentais educativas positivas no longo prazo, a partir de uma avaliação em *follow-up*. Foram convidados a participar do estudo 45 pais, mães ou cuidadores que participaram da Escola de Pais do início ao fim do grupo respectivo (grupo experimental) e 16 que realizaram apenas a primeira sessão e desistiram de continuar no projeto (grupo controle). De todos os convidados 20 pessoas do grupo experimental e 1 do grupo controle aceitaram participar do presente estudo. Dentre os participantes, 15 eram mães, 4 eram pais e 2 avós. As crianças dos participantes eram 3 meninas e 18 meninos, com média de idade de 9 anos (variando de 6 a 13 anos). Os participantes foram avaliados neste estudo com os mesmos instrumentos utilizados nas avaliações pré e pós-intervenção de quando participaram do grupo da Escola de Pais. A avaliação foi realizada em uma entrevista com cerca de 1 hora e 30 minutos de duração no CENFOR (Clínica-Escola do UniCEUB). Em relação aos sintomas de ansiedade podemos observar que houve manutenção do nível de ansiedade para a maioria dos participantes quando comparado a avaliação pós-intervenção e o *follow-up*, sendo que este nível permaneceu na primeira categoria de gravidade em média. O desempenho no teste que avalia os estilos parentais mostrou que houve aumento das práticas parentais positivas para a maioria dos participantes da avaliação pré-intervenção para a pós-intervenção e manutenção no *follow-up*, sendo que em média apresentaram estilo parental Bom, acima da média. A entrevista que avalia mais detalhadamente as interações educativas mostrou que houve mudança das práticas educativas parentais quando comparado o desempenho na avaliação pré-intervenção e pós-intervenção e manutenção dessas práticas quando comparado o desempenho pós-intervenção e *follow-up*. Isto é verdadeiro para práticas positivas como a expressão de sentimentos positivos aos filhos, o estabelecimento de limites, o cumprimento de promessas e a demonstração de carinho aos filhos, por exemplo. Desse modo, os resultados do presente estudo corroboram a efetividade do projeto Escola de Pais no desenvolvimento e manutenção no longo prazo (de 1 a quase 3 anos) das práticas educativas parentais positivas, indicando que a realização de grupos de orientação a pais pautados nessa metodologia pode trazer benefícios para as famílias, replicando resultados de estudos nacionais e internacionais.

Palavras-Chave: Grupo de orientação a pais. Práticas educativas parentais. *Follow-up*.

Sumário

1. Introdução.....	5
2. Fundamentação Teórica	6
3. Método	10
Participantes	11
Local/Instrumentos/Materiais.....	12
Procedimento.....	12
4. Resultados e Discussão	14
5. Referências	33

1. Introdução

O Projeto Escola de Pais teve início em 2012 como projeto de iniciação científica e depois foi alocado no programa de estágio do UniCEUB dando continuidade até o fim do primeiro semestre de 2016. O projeto tinha uma proposta psicoeducativa com a meta de ensinar, a pais e/ou cuidadores, práticas educativas parentais positivas, para ajudá-los a solucionar dificuldades que tinham com seus filhos (Ribeiro, Bohrer, Antunes, Costa, Ferreira & Guimarães, 2014). O presente trabalho visa realizar uma avaliação da efetividade do programa de orientação a pais, averiguando se os ganhos obtidos durante a intervenção permaneceram a longo prazo.

Tendo em vista que o Projeto Escola de Pais esteve em vigor por mais de dois anos, a avaliação de sua efetividade a longo prazo torna-se relevante, uma vez que os resultados obtidos evidenciam sua efetividade logo após a sua realização. A averiguação dessa efetividade, de acordo com os critérios metodológicos da ciência psicológica poderá atestar tal projeto como uma Prática Baseada em Evidência na Psicologia (APA, 2006) oferecendo à sociedade um programa de orientação a pais com garantias de resultados positivos e duradouros aos seus participantes.

O presente estudo tem como objetivo fazer uma avaliação da efetividade do programa de intervenção da Escola de Pais a partir da realização de um *follow-up*. E tem como objetivos específicos:

- Avaliar se os efeitos observados em relação às práticas parentais nas avaliações pós-intervenção quando comparadas com as avaliações pré-intervenção se mantiveram a longo prazo durante um período que variou entre 6 e 32 meses.

- Avaliar se os efeitos observados em relação aos sinais de ansiedade nas avaliações pós-intervenção quando comparadas com as avaliações pré-intervenção se mantiveram a longo prazo durante um período que variou entre 6 e 32 meses.

- Avaliar se os escores observados em relação às práticas parentais e sinais de ansiedade nas avaliações iniciais de indivíduos que desistiram de participar da Escola de Pais após a primeira sessão se mantiveram a longo prazo durante um período que variou entre 13 e 32 meses.

- Avaliar se os escores observados em relação às práticas parentais e sinais de ansiedade nas avaliações iniciais de indivíduos que desistiram de participar da Escola de Pais após a primeira sessão se mantiveram a curto prazo durante um período que variou entre 6 e 9 meses.

2. Fundamentação Teórica

Educar crianças é uma tarefa complexa e desafiadora. Como em nossa sociedade não há uma educação formal para a realização dessa tarefa, uma diversidade de práticas educativas é observada nas mais diferentes famílias (Ribeiro e cols., 2014; Olivares, Mendez & Ros, 2005; Weber, Selig, Bernardi & Salvador, 2006). Alguns pais aprendem a educar seus filhos a partir do modelo de seus próprios pais, outros com a leitura de livros e orientações diversas na internet, outros ainda por tentativa-e-erro e, em muitos casos, por uma combinação desses e outros fatores (Ribeiro e cols., 2014). As práticas educativas parentais podem ser entendidas como os comportamentos dos pais em relação aos seus filhos, em diversos contextos, que visam diminuir comportamentos inadequados e ampliar o repertório de comportamentos adequados das crianças (Alvarenga, 2001; Darling & Steinberg, 1993).

Considerando a diversidade de aprendizagem e de práticas educativas, é comum a ocorrência de problemas de comportamento por parte das crianças, que muitas vezes vivenciam situações de práticas inconsistentes. Os problemas mais frequentes estão relacionados à agressividade, agitação excessiva, dificuldades no seguimento de regras,

dificuldades de aprendizagem, problemas de ansiedade e depressão, entre outros (Jatobá & Bastos, 2007; Ribeiro & Guimarães, 2015; Zinn-Souza et al., 2008).

A área de investigação sobre práticas educativas tem produzido bastante conhecimento desde a década de 1920, porém com maior investimento no estudo de estilos parentais a partir da década de 1960 (Shaffer, Kotchick, Dorsey & Forehand, 2001). Baumrind (1966) propôs uma categorização para o conjunto de práticas parentais, descrevendo três tipos de estilos parentais. O estilo parental pode ser compreendido como o conjunto de práticas educativas, que se organizam em um padrão comportamental do pai e/ou cuidador. Darling e Steinberg (1993) ampliaram o conceito de estilos parentais incluindo outros aspectos da interação, como o tom de voz, a linguagem corporal, a mudança de humor, etc. e ofereceram duas novas categorias, desmembrando um dos estilos: autoritário, autoritativo, indulgente e negligente. Esses estilos parentais se diferenciam em função do nível de responsividade dos pais em relação às necessidades da criança e o nível de exigência para o cumprimento de regras e responsabilidades.

Gomide e Sampaio (2006) oferecem uma definição diferente dos estilos parentais. Para as autoras há práticas educativas positivas e negativas. As práticas positivas estão relacionadas a demonstrar interesse pela criança, monitorar seu comportamento, oferecer regras claras, reforçar comportamentos, oferecer carinho, etc. Já as práticas negativas poderiam ser exemplificadas por bater ou ser agressivo verbalmente, demonstrar desinteresse pela criança, oferecer um contexto de insegurança, medo ou humilhação, ser impaciente, criticar excessivamente, etc. O estilo parental estará relacionado à combinação de práticas positivas e negativas, sendo considerada ideal a presença de mais práticas positivas do que negativas na educação de uma criança.

É importante esclarecer que o estilo parental, por se tratar de um conjunto de comportamentos dos pais em relação à educação dos filhos, é flexível e modificável. Uma

prática educativa positiva pode ser aprendida e uma prática educativa negativa pode ser abandonada ou substituída por outra mais positiva. Dessa forma, por haver possibilidades de aprendizagem e modificação dos estilos parentais dos pais, grupos de orientação a pais têm se mostrado uma alternativa interessante para o desenvolvimento de práticas educativas positivas.

A literatura aponta que os programas de treinamento para pais são, em geral, bem-sucedidos, promovendo padrões de interação mais adaptativos entre os membros familiares e permitindo o desenvolvimento psicológico saudável das crianças e adolescentes. Tais programas de treinamento costumam oferecer oportunidades de aprendizagem sistematizada de estratégias educativas e buscam evitar relações coercitivas estabelecidas dentro da família, funcionando como um trabalho preventivo na área da saúde (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Del Prette & Del Prette, 2001; Marinho & Silveiras, 2000; Marturano, 2004; Ribeiro e cols., 2014; Sanders, Markie-Dadds, Tully & Bor, 2000; Weber, Salvador & Brandenburg, 2011; Webster-Stratton, 1994).

A partir dessa perspectiva, o Projeto Escola de Pais do UniCEUB visou ensinar novas habilidades educativas aos pais e/ou cuidadores, oferecendo treinamento de práticas educativas parentais positivas em grupos psicoeducativos. O grupo psicoeducativo é uma modalidade de atendimento em psicologia clínica que dá oportunidade aos participantes de adquirirem conhecimento, refletir sobre questões compartilhadas entre eles e receberem suporte para suas queixas psicológicas (Murta, 2008). É um trabalho de curta duração, com um número de sessões pré-estabelecido e planejadas que têm um tema central como fio condutor.

O Projeto Escola de Pais ofereceu desde 2013 no UniCEUB, Brasília-DF, atendimento a pais e/ou cuidadores de crianças de 6 a 12 anos. O grupo psicoeducativo funcionava em sessões com 2 horas de duração, no decorrer de 15 semanas, nas quais eram trabalhados

conteúdos diversos sobre a educação de filhos: o acordo entre cuidadores, supervisão estressante, monitoria positiva, avaliação do contexto onde ocorrem os comportamentos, reforço, punição, extinção, formas de aprendizagem de comportamentos e expressão de sentimentos. Além disso, na primeira e última sessões eram realizadas avaliações dos estilos parentais e níveis de ansiedade dos participantes do grupo com a utilização dos seguintes instrumentos: Escala de Ansiedade de Beck (Cunha, 2001), Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (Bolsoni-Silva, 2003) e Inventário de Estilos Parentais (Gomide & Sampaio, 2006).

Em 2014, Ribeiro e cols., apresentaram dados preliminares a respeito das mudanças de comportamento observadas em relação às práticas educativas parentais dos participantes que tinham sido expostos ao projeto até aquele momento. Participaram da pesquisa 14 pais e/ou cuidadores, com idade média de 41,5 anos, de 12 famílias diferentes, constituídas por pelo menos um cuidador e uma criança. A maioria dos participantes foi composta por mães, casadas, de nível superior de formação educacional. A idade média das crianças foi de 8,2 anos. Em relação aos resultados observados, eles podem ser organizados em 4 vertentes: (a) a respeito dos níveis de ansiedade foi observada diminuição ou manutenção desses níveis para 12 de 14 participantes e aumento para 2 participantes, sendo que nenhum deles encerrou o programa com nível grave de ansiedade; (b) a respeito das práticas parentais, foi observado que, dos 14 participantes, 10 apresentaram escores mais altos de práticas positivas após a intervenção. Isso indica que houve modificações positivas nos estilos parentais desses participantes, que os afastaram de um estilo parental de risco e os aproximaram de um estilo parental ótimo, conforme Gomide e Sampaio (2006); (c) a respeito de análises funcionais sobre o comportamento das crianças e dos pais em situação de conflito, foi observada diminuição de brigas, de punição física e ocorrência de comportamentos inadequados das crianças, e aumento da utilização de regras claras, de castigos com retiradas de privilégios e

de conversa e combinados entre pais e filhos; e (d) a respeito da satisfação dos participantes em relação ao projeto, todos eles apontaram estarem satisfeitos com a proposta do grupo, com as mudanças observadas no comportamento das crianças e nos seus próprios comportamentos, apesar de que alguns ainda gostariam de alcançar outros objetivos de mudança. A Tabela 1 apresenta algumas avaliações sobre o projeto oferecidas por participantes na última sessão do grupo.

Tabela 1

Relatos avaliativos dos participantes sobre o projeto Escola de Pais realizado na última sessão do grupo.

Participante	Avaliação do projeto
RV (mãe, 46 anos)	“Aprendi a ser mais flexível e hoje consigo ter mais paciência, passei a viver mais a minha vida e agora eu consigo deixar o meu esposo cuidar dele também. Meu filho está mais obediente e mais calmo.”
IR (pai, 50 anos)	“Para mim foi maravilhoso. Eu me sinto mais preparado para agir. Antes eu não tava nem aí e já dava logo um tapa, mas hoje eu tento prestar atenção e depois converso com ele. Ele parecia aqueles cachorros rabugentos e aquilo me matava de raiva. Agora meu filho está calmo e a gente conversa.”
AN (mãe, 32 anos)	“A Escola de Pais trouxe para mim uma reflexão muito grande do ‘saber me posicionar’. Percebi que não é só aplicar alguma coisa que eu aprendi, apenas uma vez, e depois esperar que a coisa mudou. Eu tive que rever os meus conceitos, rever as formas, rever a forma de me posicionar.”

3. Método

No presente estudo foi realizado um *follow-up* (seguimento) e uma avaliação de um grupo controle de um estudo experimental clínico, denominado Projeto Escola de Pais, no qual foram realizados grupos psicoeducativos de orientação a pais e/ou cuidadores de crianças de 6 a 12 anos para o treinamento de práticas educativas parentais na educação de filhos. Os grupos do Projeto foram realizados entre os períodos de 1º semestre de 2014 a 1º semestre de

2016 no CENFOR-UniCEUB. A intervenção em cada grupo durou 15 semanas e os participantes foram avaliados em termos de seus estilos parentais e níveis de ansiedade.

Participantes

Foram convidados para o estudo 61 pais e/ou cuidadores, que participaram do projeto Escola de Pais do UniCEUB entre o período do primeiro semestre de 2014 até o primeiro semestre de 2016. Esses pais e/ou cuidadores foram divididos em dois grupos: o Grupo Experimental, formado com os pais e/ou cuidadores que participaram e concluíram as 15 sessões do programa. E o Grupo Controle, formado por pais e/ou cuidadores que realizaram apenas a primeira sessão, do programa, na qual foi realizada a avaliação pré-intervenção em apenas uma sessão e, posteriormente, eles desistiram de frequentar as sessões do grupo, por motivos diversos.

Dos 61 pais e/ou cuidadores convidados, 21 aceitaram participar, sendo 20 deles do Grupo Experimental (foram convidadas 45 pessoas) e uma do Grupo Controle (foram convidadas 16 pessoas). No Grupo Experimental, foram entrevistadas 15 mães, três pais e duas avós. A média da faixa etária do grupo foi de 44 anos (27-74 anos, DP 11,65 anos). E a média de idade das crianças foi de 9 anos (6-13 anos, DP 2,21 anos). No momento da entrevista, 17 dos pais e/ou cuidadores estavam empregados e trabalhavam fora de casa, e 3 não estavam empregados. Outra característica do grupo é que 15 deles eram casados ou estavam em um relacionamento conjugal sem legalização, 4 eram solteiros e 1 era viúva. A participante do Grupo Controle, MM, tinha 45 anos, era mãe de um menino de 12 anos, era divorciada e estava desempregada no momento da entrevista.

Local/Instrumentos/Materiais

Para a realização do estudo foram utilizados alguns recursos, como: o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, informando aos participantes o objetivo do estudo, seus direitos e assegurando que as informações serão utilizadas apenas para os fins da presente pesquisa (uma referente ao Grupo Experimental outra referente ao Grupo Controle). As escalas e testes psicológicos utilizados no projeto Escola de Pais, sendo a Escala de Ansiedade de Beck – BAI (Cunha, 2001), o Inventário de Estilos Parentais (Gomide & Sampaio, 2006), a Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (Bolsoni-Silva, 2003) e duas Entrevista Semiestruturada, uma para o Grupo Experimental e outra para o Grupo Controle.

Os encontros com os participantes ocorreram em salas do CENFOR (Centro de Formação de Psicólogos do UniCEUB), compostas por: duas poltronas, ar-condicionado, uma mesa de madeira com duas cadeiras para a realização da coleta de dados. Outros recursos necessários foram: um gravador de áudio da marca Sony®, utilizados para gravar as entrevistas; os prontuários dos pais e/ou cuidadores que participaram da Escola de Pais do primeiro semestre de 2014 ao primeiro semestre de 2016, arquivados no CENFOR-UniCEUB, papel e caneta para registro, além de computadores para arquivar e analisar os dados.

Procedimento

Após o projeto ter sido analisado e aprovado pelo Comitê de Ética (CAAE: 59692116.0.0000.0023), foi realizado um levantamento do nome e telefone de todos os pais e/ou cuidadores que frequentaram a Escola de Pais que se encaixavam nos grupos (Experimental e Controle), a partir dos prontuários arquivados no CENFOR-UniCEUB. Os participantes foram contatados pelo telefone da instituição e foi realizado um convite para a

participação na pesquisa, com uma explicação sobre seus objetivos e a participação deles na mesma. O convite incluiu a marcação de um encontro no CENFOR-UniCEUB para a realização das entrevistas e aplicação dos inventários. Dessa forma, foi agendado, de forma individual, um horário durante a semana, de duração média de uma hora e meia, para a realização das atividades propostas.

Durante o encontro foram esclarecidos os objetivos e o procedimento da pesquisa, sendo sanadas as eventuais dúvidas que o participante teve. Foi pedido, então, que ele, caso tivesse concordado, assinasse o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.. Nesse momento, foi entregue aos participantes um valor referente a R\$ 10,00 para compensar o gasto com o deslocamento até o CENFOR-UniCEUB.

Após esse primeiro momento, foram aplicados os inventários para a avaliação que foram realizados no Projeto Escola de Pais, dentre os quais a Escala de Ansiedade de Beck – BAI (Cunha, 2001), o Inventário de Estilos Parentais (Gomide & Sampaio, 2006) e a Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (Bolsoni-Silva, 2003).

Por fim, com os 20 participantes, que completaram o programa Escola de Pais, foi também realizada uma entrevista, com o intuito de levantar informações a respeito de queixas atuais sobre o comportamento da criança, sobre a atual condição dos comportamentos-alvos de queixas quando o pai e/ou cuidador participou da Escola de Pais, sobre o quanto do conhecimento e das práticas educativas desenvolvidas durante o programa estão sendo aplicadas atualmente, se este pai e/ou cuidador obteve orientações para educação de filhos em outros contextos após a Escola de Pais, dentre outras informações que se mostrassem relevantes durante a entrevista.

Com a participante que foi em apenas uma das sessões e desistiu, a Entrevista Semiestruturada Controle realizada buscou informações a respeito dos motivos pelos quais o participante desistiu de frequentar as sessões da Escola de Pais, sobre as dificuldades atuais

que esta cuidadora tinha com sua criança comparando com as queixas que ela tinha na época em que veio à Escola de Pais, sobre se ela buscou outras orientações sobre práticas educativas, dentre outras informações que se mostrassem relevantes no decorrer da coleta. As sessões de coleta de dados foram gravadas em áudio.

4. Resultados e Discussão

A avaliação da manutenção dos comportamentos aprendidos no projeto Escola de Pais foi realizada a partir dos mesmos instrumentos utilizados no projeto, juntamente com uma Entrevista Semiestruturada elaborada pelas pesquisadoras. Portanto, os resultados são apresentados primeiro pelas figuras referentes aos instrumentos BAI (Cunha, 2001) e IEP (Gomide & Sampaio, 2006), depois a partir da tabela com itens mais relevantes da Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (Bolsoni-Silva, 2003) e por análise de trechos da gravação da Entrevista Semiestruturada. Inicialmente serão apresentados os dados do Grupo Experimental e posteriormente do Grupo Controle.

Os dados apresentados nas Figuras 1, 2 e 3 indicam os escores dos participantes no BAI (Cunha, 2001), os quais apontam o nível de ansiedade a partir de uma avaliação de sinais ansiogênicos. Os escores podem variar de 0 a 64 e são classificados nas faixas Mínimo, Leve, Moderado e Grave, e, portanto, indicam que, quanto menor o escore obtido, menor o nível de ansiedade do participante.

A Figura 1 mostra os escores obtidos por cada participante do Grupo Experimental, nas avaliações pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up. Na figura também estão indicadas as faixas de escores de cada categoria.

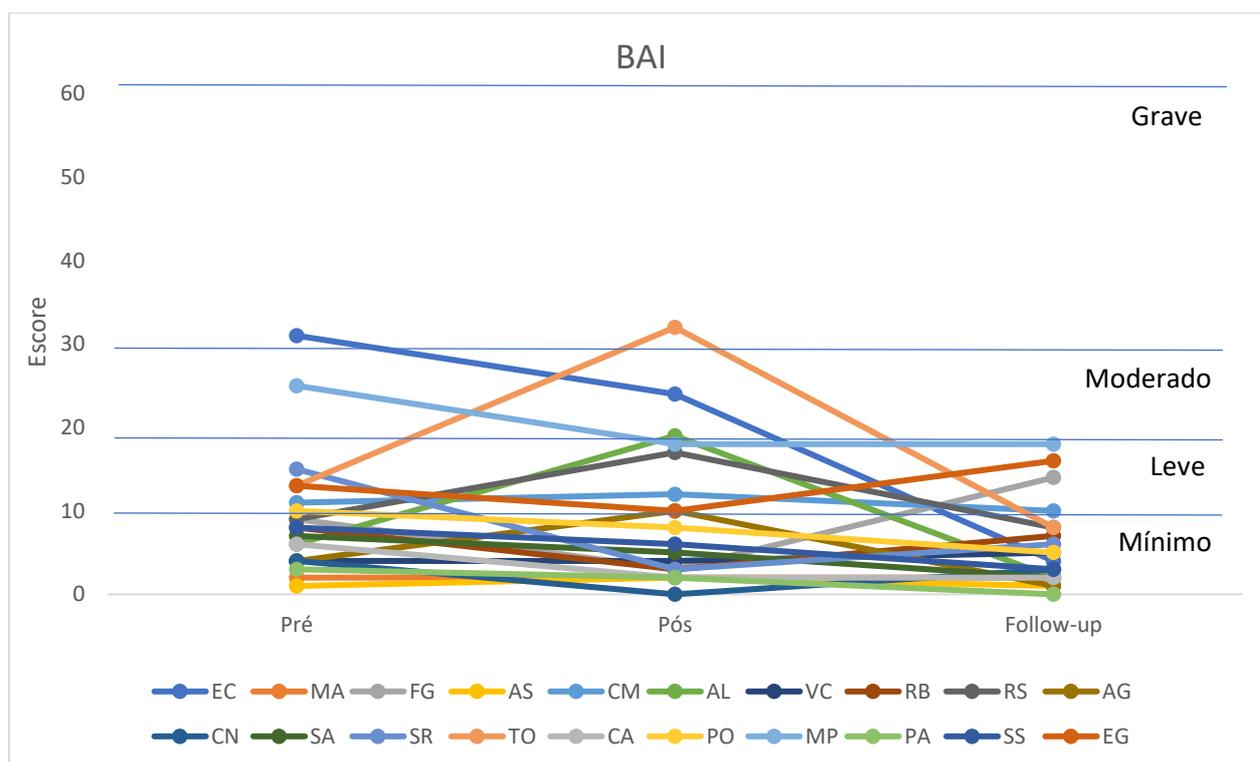


Figura 1. Escores do BAI (Cunha, 2001) dos participantes do Grupo Experimental nas avaliações pré-intervenção, pós-intervenção e no follow-up.

Pode-se observar que todos os participantes iniciaram a Escola de Pais (pré) com classificação Leve ou Mínima de ansiedade, excetuando dois deles, EC e MP. Houve variabilidade nos escores dos diferentes participantes na avaliação pós-intervenção e no follow-up, sendo que todos os participantes apresentaram classificação Mínima, com exceção de apenas quatro deles que foram classificados na categoria Leve: MP, EG, FG e CM.

Na Figura 2, é apresentada a média dos escores no BAI (Cunha, 2001) de todos os participantes do Grupo Experimental nas mesmas avaliações pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up. Observa-se que nas três condições, a média dos participantes manteve-se dentro da faixa Mínimo, sendo que da condição pré-intervenção para a condição pós-intervenção houve um decréscimo da média de 9,5 para 9,1. No follow-up, o decréscimo foi maior, passando de 9,1 para 5,9 na pós-intervenção. A ansiedade é avaliada neste estudo porque ela pode ter como variável facilitadora de sua ocorrência as situações de conflito na relação parental. Desse modo, a diminuição de escores de ansiedade dos cuidadores pode estar

associada ao desenvolvimento de habilidades educativas parentais e a realização de práticas educativas positivas no cotidiano com a criança (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Del Prette & Del Prette, 2001; Marinho & Silveiras, 2000; Marturano, 2004; Ribeiro e cols., 2014). A manutenção da maioria dos participantes na categoria Mínimo na avaliação pós-intervenção, quando comparado com follow-up, pode ser um indicador indireto que as práticas educativas positivas se mantiveram na relação parental ao longo do tempo.

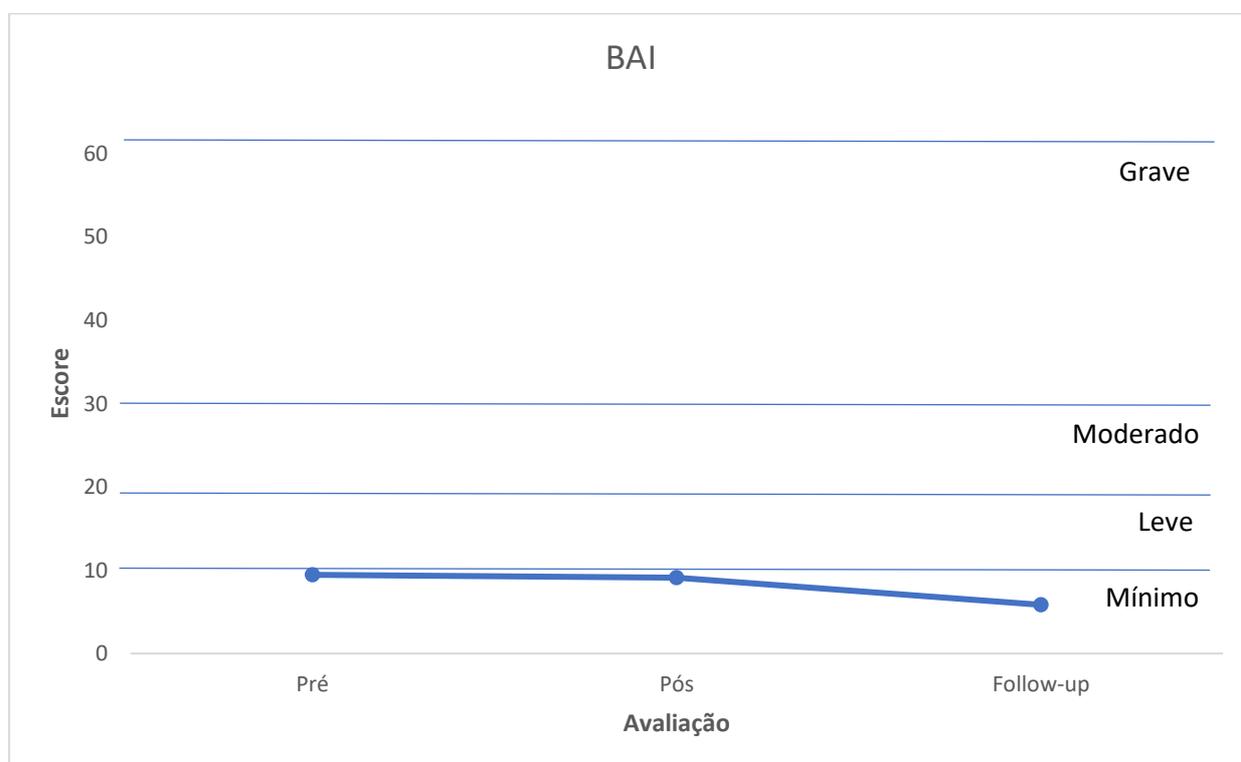


Figura 2. Média dos escores do BAI (Cunha, 2001) dos participantes do Grupo Experimental nas avaliações pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up.

Nas Figura 3 e 4 são apresentados os percentis dos estilos parentais medidos pelo IEP (Gomide & Sampaio, 2006) de cada participante do Grupo Experimental, nas condições de pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up. Os percentis variam de 0 a 99 e podem ser classificados em quatro faixas: “Ótimo” quando o percentil está entre 99 e 75; “Bom, acima da média” quando o percentil está entre 70 e 55; “Bom, abaixo da média” quando o percentil

está entre 50 e 30; e “Risco” quando o percentil está abaixo de 25. Quanto maior o percentil, mais práticas educativas positivas fazem parte do repertório do participante.

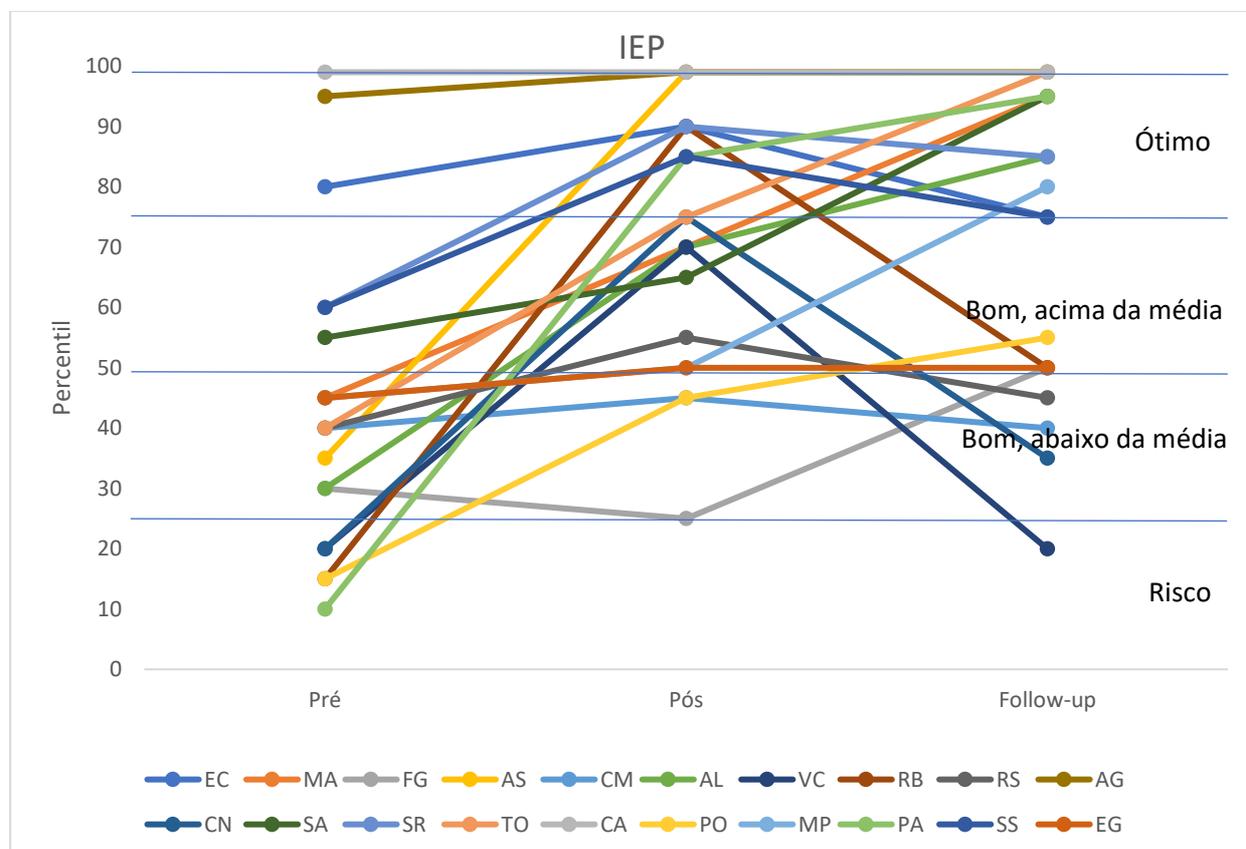


Figura 3. Percentil do IEP (Gomide & Sampaio, 2006) de cada participante do Grupo Experimental nas avaliações pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up.

Pode-se observar, na Figura 3, uma grande variabilidade nos percentis, tendo participantes classificados em todas as categorias, na avaliação pré-intervenção. Considerando que um percentil acima de 50 indica que há mais práticas educativas positivas do que negativas, verifica-se que na avaliação pré-intervenção havia 13 participantes com o percentil menor que 50, ou seja, classificados nas faixas “Bom, abaixo da média” e “Risco”, sendo cinco deles classificados como “Risco” (PA, PO, RB, CN e VC). Na pós-intervenção, apenas três participantes apresentaram percentil menor que 50, sendo todos acima da faixa “Risco” (FG, CM e PO). E no follow-up todos os participantes mantiveram-se com percentil acima de 50,

exceto RS, CM e CN, que apresentaram estilo parental “Bom, abaixo da média” e VC com estilo de “Risco”.

A Figura 4 aponta a média dos percentis dos estilos parentais segundo o IEP (Gomide & Sampaio, 2006) dos participantes do Grupo Experimental, nas três situações de avaliação. Observa-se que ocorreu um aumento da pré-intervenção à pós-intervenção, no qual a média dos participantes passou de “Bom, abaixo da média” (percentil 44,0) para “Bom, acima da média” (percentil 71,6) da pós-intervenção ao follow-up o percentil se manteve na faixa “Bom, acima da média” (percentil 71,3).

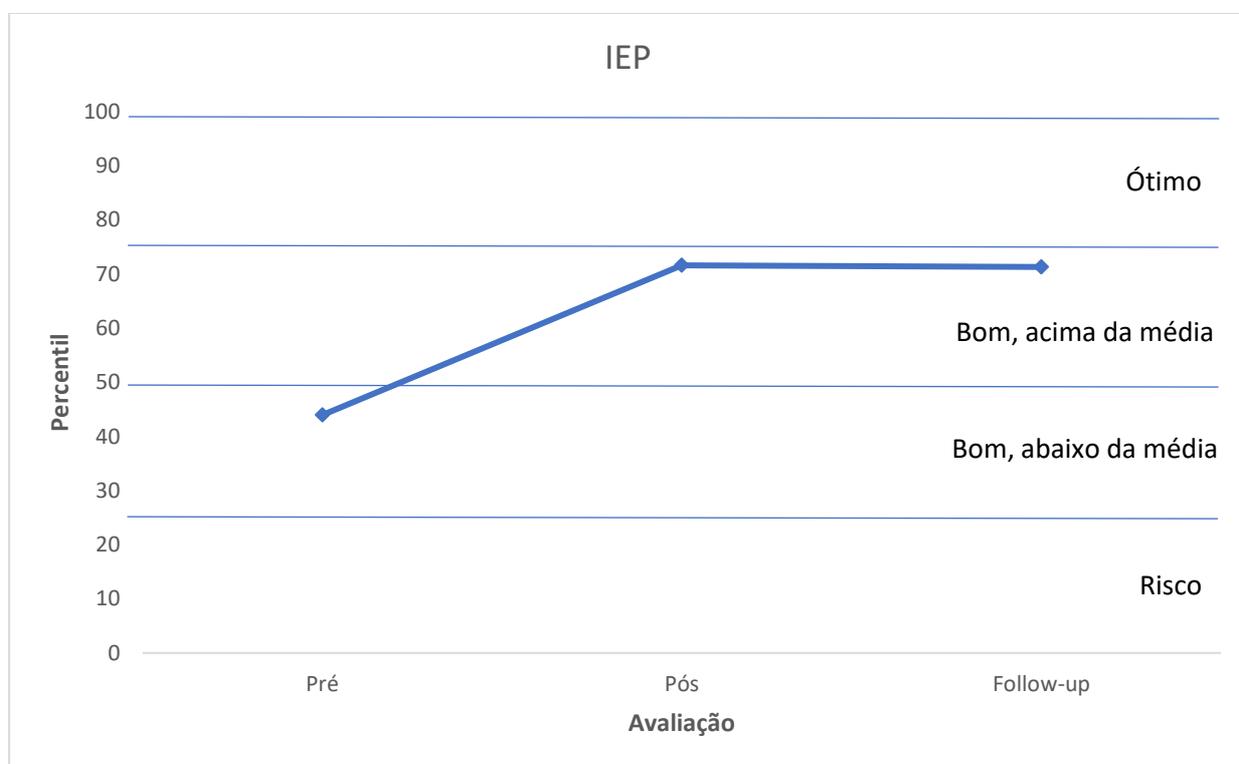


Figura 4. Percentil das médias do IEP (Gomide & Sampaio, 2006) dos participantes do Grupo Experimental nas situações de avaliação de pré-intervenção, pós-intervenção e follow-up.

Dado que o IEP (Gomide & Sampaio, 2006) é um instrumento para avaliar as práticas educativas, a manutenção da média dos percentis dos participantes do Grupo Experimental na faixa “Bom, acima da média” indica que mesmo após o fim dos grupos psicoeducativos da Escola de Pais, os participantes conseguiram manter o uso das práticas parentais positivas acima das negativas. Este resultado complementa os dados preliminares apresentados por

Ribeiro e cols. (2014), já que depois da verificação de que os comportamentos foram aprendidos, identifica-se a manutenção deles ao longo do tempo. A literatura sobre grupos de orientação a pais tem indicado que mudanças nas práticas educativas parentais podem ser úteis para a melhora das relações familiares e prevenção de problemas de comportamento das crianças (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002; Marinho & Silvaes, 2000; Marturano, 2004; Weber, Salvador & Brandenburg, 2011; Webster-Stratton, 1994) e a manutenção dos repertórios desenvolvidos nesses grupos torna-se interessante para a Psicologia e para a sociedade, uma vez que relações familiares mais harmoniosas podem, no longo prazo, promoverem indivíduos mais saudáveis. Estudos que demonstram a manutenção desses repertórios aprendidos devem ser desenvolvidos para que haja maior garantia de resultados positivos e confiabilidade das intervenções. A ciência em geral, e a Psicologia em particular, tem envidado esforços para assegurar que práticas de intervenção sejam baseadas em evidências empíricas (APA, 2006, Leonardi & Meyer, 2015, Sidman, 1960/1976). Portanto, os dados observados em relação ao IEP para os participantes do Grupo Experimental são indicadores de que as práticas desenvolvidas durante a participação nos grupos psicoeducativos mantiveram-se no longo prazo, mesmo após mais de 2 anos do término das orientações.

A Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (Bolsoni-Silva, 2003) oferece um detalhamento das interações familiares e um levantamento de informações sobre práticas educativas. A Tabela 2 apresenta um resumo das respostas à entrevista, identificando itens mais representativos, com a porcentagem das respostas nas avaliações pós-intervenção e no follow-up.

Tabela 2

Porcentagem de respostas dos cuidadores do grupo experimental a questões ou itens da Entrevista de Habilidades Sociais Educativas Parentais (Bolsoni-Silva, 2003) na avaliação pós-intervenção e no follow-up.

Questão/item	Pós-intervenção	Follow-up
---------------------	------------------------	------------------

Você conversa com seu filho?	95	100
Na sua opinião é importante estabelecer limites?	95	100
a) Por que?		
• para orientar/ensinar o que é certo e errado	100	75
• para que o filho(a) aprenda a ter responsabilidade	85	60
b) Em que situações você costuma estabelecer limites?		
• brincadeiras	60	25
• TV, vídeo, vídeo-game	75	55
• horários	90	75
• estudo/escola	65	40
c) O que você faz para estabelecer limites?		
• conversa/pede	90	95
• bate	0	5
• retira privilégios	65	25
• ameaça	25	5
• coloca de castigo	40	15
d) Como você se sente nestas situações?		
• sente-se bem, feliz	55	30
• sente-se mal, triste, culpado, tem dó	25	10
• resposta vaga “normal”	35	25
e) Como seu filho(a) reage ao limite? Ou o que ele faz nestas ocasiões?		
• obedece	65	65
• faz birras, fica bravo, responde/cara feia	40	25
• outros	0	30
Quando você promete algo a seu filho(a), você cumpre?		
Sim	100	100
Você e seu cônjuge se entendem quanto a forma de educar seu filho(a)?		
Sim	40	65
Por que vocês concordam?		
• porque conversam para tomar decisões em relação ao filho(a)	50	30
• porque o casal tem a mesma opinião	20	20
Seu filho(a) faz coisas que você gosta?		
Sim	90	95
a) O que ele faz que você gosta?		
• procura ajudar	50	35
• é amoroso/carinhoso/alegre	95	70
• Outros	0	35
b) Quando ele faz algo legal, o que você sente?		
• orgulho	80	30
• contentamento/felicidade	95	60
c) Quando seu filho(a) faz algo legal, o que você faz?		
• beija, abraça e/ou toca o filho(a)	90	30
• demonstra contentamento falando algo (dizendo que ama, agradecendo, elogiando)	95	85

• Outros	0	15
Seu filho(a) faz coisas que você NÃO gosta?		
Sim	85	95
a) O que ele faz que você não gosta?		
• briga	50	25
• não estuda	35	20
• faz barulho/bagunça	65	35
• desobedece a ordens dadas	75	40
• Outros	0	45
b) O que você sente nestas horas?		
• tristeza	50	20
• raiva	40	45
• Outros	0	35
c) O que você faz nestas ocasiões?		
• briga	30	35
• bate	0	5
• coloca de castigo	45	30
• conversa, pede mudança de comportamento	95	60
• Outros	0	20
Acontece de você fazer algo em relação a seu filho(a) e sentir como errado?		
Sim	60	80
a) Em quais situações?		
• quando bate	10	25
• quando fica bravo	60	30
• Outros	0	40
b) Nestas situações o que você faz?		
• pede desculpas	45	35
• conversa, dá explicações	70	25

Em relação à questão sobre se os cuidadores conversam com suas crianças, 95% deles disseram que sim na avaliação pós-intervenção e 100% deles disseram sim no follow-up. Nesta última avaliação os principais momentos nos quais os pais conversam com suas crianças são no caminho da escola (40%) e durante as refeições (25%). Os assuntos mais comuns são a respeito da escola/estudo (85%) e relacionamento interpessoal (50%) e, em geral, as crianças se mostram interessadas pela conversa (90%).

Na questão sobre a opinião dos participantes em relação a importância de estabelecer limites, 95% deles disseram que sim, era importante, na avaliação pós-intervenção e no follow-up 100% deles disseram que era importante. Observa-se que a principal forma que os

pais utilizam para estabelecer os limites são a partir de conversas, 90% na pós-intervenção e 95% no follow-up. A porcentagem da prática de agredir fisicamente continua baixa em ambas avaliações (0% e 5%), e houve uma redução da porcentagem de ameaças da pós-intervenção (25%) para o follow-up (5%). E a situação que os pais mais costumam estabelecer limites, continua sendo no follow-up, em relação aos horários (75%), assim como era na pós-intervenção (90%).

A Tabela 2 também indica uma questão para casais que moram juntos, em relação à se eles costumam concordar na forma de educar a criança. E diferente da avaliação de pós-intervenção (40%), no follow-up a maioria (65%) dos participantes respondeu que sim, que concordam com os cônjuges na forma de educar a criança e o principal ponto de concordância é em relação ao diálogo que eles mantêm para tomar decisões referentes aos filhos.

Na questão relacionada à se os filhos fazem coisas que os pais gostam, 90% dos pais afirmaram que sim na avaliação pós-intervenção e no follow-up 95% dos participantes afirmaram o mesmo. Entre os comportamentos mais destacados pelos pais em ambas situações, foi de demonstrar carinho, alegria.

Outra questão que na pós-intervenção e no follow-up os pais majoritariamente responderam que sim, foi em relação ao filho fazer coisas que os pais não gostam, apresentando porcentagens de 85% e 95%, respectivamente. Entre os comportamentos mais citados na pós-intervenção foram a desobediência (75%) e fazer barulho/bagunça (65%). Quanto a reação dos pais e/ou cuidadores nessa situação, na avaliação de pós-intervenção e no follow-up, a maioria dos participantes indicou reagir da mesma forma, ou seja, conversam e pedem a mudança do comportamento. No entanto, a porcentagem deste comportamento foi maior na pós-intervenção (95%) do que no follow-up (60%).

Em relação aos pais fazerem algo e sentir como errado, no follow-up houve uma porcentagem maior de afirmativas (80%), em relação à pós-intervenção (60%). Na pós-

intervenção, a situação mais apontada foi quando o pai e/ou cuidador ficam bravo com a criança, e no follow-up, a categoria Outros foi a mais apontada, incluindo situações como ser agressivo com a criança ou não conseguir impor limites adequadamente. Quando situações como essas ocorrem os pais tentavam conversar e dar explicações (70%) e atualmente pedem desculpas (35%).

No conjunto, os dados obtidos a partir da Entrevista indicam que houve manutenção de práticas positivas da avaliação pós-intervenção para o follow-up para a maioria dos participantes, havendo variação nas porcentagens de ocorrências, com alguma diminuição da porcentagem no follow-up. Em geral, os cuidadores, após a participação na Escola de Pais, tentam manter conversas com suas crianças, expressar sentimentos positivos, negativos e opiniões de modo apropriado, tentam impor limites adequadamente ao comportamento da criança, cumprem promessas, oferecem consequências reforçadoras a comportamentos adequados e punidoras a comportamentos inadequados e avaliam seu próprio comportamento inadequado, tentando corrigi-lo na relação com a criança. Os relatos indicam que essas práticas não são aplicadas em todas as situações, entretanto frequências altas indicam maior ocorrência de práticas positivas do que de práticas negativas. Gomide (2004) denomina tais práticas positivas como monitoria positiva e comportamento moral e compreende a presença das mesmas na educação das crianças promove comportamentos pró-sociais na criança, bem-estar na relação familiar e previne problemas de comportamento. Um resultado relevante do presente estudo foi a diminuição na pós-intervenção e a manutenção no follow-up do uso de punição física na educação das crianças. A compreensão dos cuidadores a respeito dos malefícios dessa prática e a aprendizagem de alternativas mais adequadas para disciplinar o comportamento das crianças permaneceu no repertório dos cuidadores no longo prazo, mesmo após mais de 2 anos da participação na Escola de Pais. O uso da punição física, além de ser desrespeitosa com a criança, de dar modelo inadequado de solução de problemas, ainda está

associada ao desenvolvimento de comportamento antissocial nas crianças (Carvalho & Gomide, 2005; Gomide, 2004; Marinho, 2005; Prinz e cols., 2009; Sanders, 2005).

A Entrevista Semiestruturada Experimental foi analisada a partir dos áudios gravados durante o encontro. Na pergunta 2, referente à se as queixas de comportamento do filho que levaram os pais e/ou cuidadores a procurar o projeto haviam sido amenizadas, 19 participantes responderam que as queixas haviam sido amenizadas. Apenas RS afirmou que não houve mudança, pois não tinha queixa sobre o comportamento de sua criança no início do projeto. Aos serem questionados acerca dos motivos pelos quais isso ocorreu, 14 participantes apontaram como um dos fatores a mudança do seu próprio comportamento frente aos comportamentos-problemas da criança, como são apontadas nos relatos abaixo:

“eu fazia muito exercício. Aqui toda semana tinha um exercício, aí tinha exercício que eu tinha que olhar coisas boas que ele tinha feito naquele dia. Que eu tinha que anotar e aí você tem uma outra visão, porque quando você tem que anotar, por exemplo, tinha um dos exercícios que tinha que anotar o que ele tinha feito que eu tinha gostado. No dia-a-dia você só dá importância quando acontece alguma coisa ruim que ele fez. Você nunca percebe o que ele fazia de bom, então quando você tem a obrigação de analisar, você começa a perceber mais a criança. E também o fato de vir aqui e colocar para fora isso te alivia, porque foram anos que você vai acumulando um monte de sentimento. Quando você vem e tem a oportunidade de falar, de ter dicas de colocar todo aquele sentimento para fora melhora muito. Acho que isso que foi positivo. Agora tem problemas ainda, tem. Porque não existe milagre, não vai de um dia pro outro deixar de ser. Com a maturidade as coisas vão melhorando, antes era muito pior, tá melhorando tá, mas tem as crises ainda” (SA, mãe, 47 anos).

“Com certeza. Porque as instruções que eu recebi na Escola de Pais, eu procurei observar em mim, principalmente, eu achava que eu estava procurando alguma coisa para ensinar o Davi a melhorar socialmente como criança. Você vê que na Escola de Pais a criança é consequência dos pais. Muita coisa me fez melhorar como pai. Eu procurava levar para o pai dele para a gente melhorar juntos. Porque geralmente a gente quer cuidar dos filhos como a gente foi cuidado pelos pais da gente. Então quando eu vim pra cá, eu tive que me melhorar” (AS, mãe, 44 anos).

O relato de SA sinaliza para uma importante mudança de comportamento trabalhada com os cuidadores no início do projeto: a discriminação de comportamentos adequados. Os

cuidadores direcionam o olhar com maior frequência para comportamentos inadequados, e na tentativa de diminuí-los usam de punição também com frequência. Isso torna a relação coercitiva, oferecendo ocasião para a ampliação das ocorrências de comportamentos inadequados da criança e novas ocorrências de tentativas de punição. Cria-se um ciclo vicioso de coerção. Os efeitos dessa coerção tornam-se maléficos para a relação familiar e para o comportamento da criança (Carvalho & Gomide, 2005; Gomide, 2004; Sidman, 2003; Prinz e cols., 2009). Desse modo, para quebrar esse ciclo vicioso, em uma das primeiras sessões do projeto Escola de Pais, os cuidadores eram orientados a registrar comportamentos adequados de suas crianças. Trabalhou-se em seguida o reforçamento de comportamentos adequados para ampliar as interações positivas entre cuidadores e crianças e, concomitantemente, diminuir as ocorrências de interações coercitivas. O resultado imediato observado foi mudança de comportamento dos cuidadores e, por conseguinte, das crianças. Os relatos de SA e AS indicam isso.

Na pergunta 3, foi questionado se o pai e/ou cuidador havia percebido mudança no seu próprio comportamento e 18 participantes responderam que sim, sendo que 15 deles afirmaram que essas mudanças permaneciam até o momento da entrevista de follow-up. As principais mudanças apontadas foram a regulação de sentimentos e a observação, avaliação e descrição do próprio comportamento, conforme observa-se nos relatos abaixo:

“Percebi em relação ao fato de eu conseguir trabalhar a culpa em mim sobre certos aspectos. Eu já não sinto mais. Eu estou fazendo certo pronto e acabou” (CM, pai, 41 anos).

“Bastante. Até quando eu erro, eu sei que eu errei. Então é muito bom!” (RB, mãe, 36 anos).

A pergunta 4 questionava se os participantes tiveram outro tipo de orientação, além da Escola de Pais. Metade dos participantes afirmaram que sim, e a outra metade não. As orientações que eles tiveram foram através de livros e internet, pela escola do filho, a terapia do cuidador e grupos de mães nas redes sociais. Ao serem questionados acerca da necessidade

ou interesse atual sobre novas orientações, 14 dos 20 participantes afirmaram que gostariam de novas orientações, especialmente para lidar com novos desafios relacionados ao desenvolvimento da criança, solução de problemas pontuais (como problemas de aprendizagem ou desrespeito), orientação para lidar com problemas de comportamento de outros filhos ou mesmo para aprender mais. Dentre os 20 participantes do Grupo Experimental, 14 deles afirmaram que têm novas queixas sobre o comportamento de suas crianças.

A possibilidade de os pais terem orientações constantes sobre a educação de filhos é interessante e poderia ser alvo de políticas públicas, uma vez que a tarefa de educação dos filhos é negligenciada pela sociedade em geral, cabendo aos pais, aprenderem a partir de suas próprias experiências (no ensaio-e-erro) ou partir de modelos familiares ou da mídia, que muitas vezes não são adequados às suas realidades (Ribeiro e cols., 2014; Marinho, 2005; Sanders, 2005). Ribeiro e cols. (2014), em um levantamento sobre grupos de orientação a pais, identificaram que aqueles programas que tinham maior número de sessões, ofereciam em geral, maior oportunidade de aprendizagem de práticas educativas positivas para seus participantes, obtendo melhores resultados em termos de mudança de comportamento dos cuidadores e das crianças. Por se tratar de uma tarefa complexa, em que ao longo dos anos e das fases de desenvolvimento da criança, a educação pode ter novos desafios, a possibilidade de os cuidadores terem novas orientações se torna interessante e desejável.

Em relação a 5ª pergunta, a qual os participantes deveriam relatar se lembravam de alguns conceitos trabalhados na Escola de Pais, todos os participantes afirmaram que se recordavam dos conceitos. Dos conceitos mais recordados, Reforço e Estabelecimento de Regras foram citados por nove participantes, como pode-se observar nos trechos abaixo:

“O conceito de reforço, que significa uma ação que visa aumentar a frequência, da probabilidade daquele comportamento acontecer de novo e a gente pode reforçar hábitos que a gente quer que sejam, quer que ocorram. E pode também, às vezes, acidentalmente reforçar hábitos que a gente quer que não ocorram” (PO, pai, 33 anos).

“Estabelecer a regra antes ‘olha, você vai estudar tanto tempo e depois você vai assistir TV. Se você não fizer, vai ter tal e tal consequência’” (PA, mãe, 42 anos).

Outro conteúdo que também foi muito recordado foi de sinalizar para a criança que o problema está no comportamento inadequado e não na própria criança. Tal direcionamento é dado por Gomide (2004) ao falar sobre Práticas Parentais Positivas. O relato abaixo exemplifica tal situação:

“Essa questão de sempre elogiar o comportamento e não a criança. Eu percebia que quando eu não falava a questão do comportamento, ele falava que eu não gostava dele, que eu não amava ele, que eu queria que ele morresse. Isso diminuiu bastante depois que eu falo ‘você fez isso, isso e isso que a mamãe não gostou do seu comportamento e não é que a mamãe não goste de você’” (EG, mãe, 37 anos).

No decorrer da entrevista, foi solicitado aos participantes que descrevessem alguns momentos nos quais eles utilizavam o que foi aprendido:

“Então, para cessar um comportamento, que foi a técnica de você ignorar o comportamento. E eu lembro que quando foi transmitida essa técnica, eles falaram que o comportamento poderia piorar no início, quando você ignora ele, e realmente. Eu utilizei essa técnica para o G. parar de interromper, quando eu estava conversando com outra pessoa. Então no início, quando eu comecei a ignorar, ele fazia de tudo, até chegava a me empurrar para que eu prestasse atenção nele de qualquer maneira, mesmo que eu estivesse falando com outra pessoa. Quando eu estava falando no telefone também, a mesma coisa, ele interrompia, não parava de falar. Mas depois de um tempo, quando ele percebeu que eu estava ignorando mesmo, que eu não fazia nada, que eu continuava falando, ele parou. Ele cessou realmente esse comportamento” (SS, mãe, 39 anos).

Houve, entretanto, situações em que alguns participantes, apesar de saberem relatar os conceitos, relataram dificuldade de aplicá-los no cotidiano.

“Eu deveria usar mais, gostaria de usar mais. Às vezes a gente é tomado por outras tarefas e preocupações e vai fazer o que é mais rápido e acaba deixando a desejar. Mas ainda pretendo me organizar para ser um pai melhor” (PO, pai, 33 anos).

A proposta da Escola de Pais envolvia não somente o treinamento de habilidades educativas parentais na condução e solução de problemas de comportamento das crianças-alvo da intervenção, mas também uma instrumentalização desses pais e cuidadores para a solução de problemas e desafios futuros. Ao conhecer os conceitos da Análise do Comportamento, tais como: pais como contexto e agentes de mudança do comportamento, tendo em vista que eles estão em interação com suas crianças; o conceito de reforçamento, punição e extinção, dentre outros, os cuidadores têm elementos para realizar análises sobre as situações e sobre os comportamentos das crianças. Isso pode permitir tomada de decisão adequada para o manejo do comportamento-problema. Desse modo, cuidadores que conseguem analisar comportamento podem ter mais recursos para lidar com problemas e prevenir novos problemas (Canaan-Oliveira e cols., 2002; Gomide, 2004; Ribeiro e cols., 2014; Rios & Williams, 2008; Webster-Stratton, 2006).

Ao serem questionados sobre como lidam com os novos desafios na educação de suas crianças, várias estratégias foram apontadas, tais como utilizar de monitoria positiva – conversa e explicação (7 participantes); acordos entre cuidadores (4); terapia da mãe (2) ou da criança (1); leitura de livros (3); e orientações na escola (3) ou igreja (1). Alguns relatos, contudo, ainda indicam práticas que podem ser aprimoradas, e entende-se que a observação e a análise do próprio comportamento já revela um potencial de mudança. A procura por novas orientações complementares pode ser efetiva para o aprendizado e manutenção das práticas positivas:

“Às vezes eu perco a paciência. Uma coisa que eu tenho feito e visto que tem dado certo é eu pego ele, deito na cama dele e vou conversar. E falo ‘isso não foi legal. Não pode fazer isso, não pode fazer aquilo outro’. Às vezes eu choro e ele não gosta de me ver chorar. (...) Alguns comportamentos têm melhorado. Lógico que alguns você tem que falar a mesma coisa. Ele não é um adulto que vai conseguir ‘ah não, não posso isso e não vou mais fazer’. Eu tenho notado que eu tenho conseguido fazer isso mais vezes, mesmo perdendo a paciência. De um mês para cá eu estou tentando ver essa questão de perder a paciência, às vezes alterar a voz com ele. Eu estou tentando melhorar depois que eu tive o curso. Gritar nunca é a solução” (EG, mãe, 37 anos).

“Agora é mais tentando pegar uma orientação dos livros e com outros, na escola também a professora também tenta corrigir... E a terapia, tô até voltando. É o momento que tem para refletir, né?” (CN, mãe, 48 anos).

“(...) Tenta conversar, explicar, mas como o dia passa muito voado (risos), acaba que não dá tanto tempo. (...) porque eu faço toda a questão de estar mais tempo com eles, mas só que mesmo assim a vida é muito corrida, então a gente só não conversa mais porque eu tô muito ocupada, muitas vezes” (RB, mãe, 36 anos).

Em resumo, os dados obtidos nas entrevistas foram correspondentes aos dados obtidos no IEP (Gomide & Sampaio, 2006), apesar de serem mais detalhados e completos. No geral, os participantes mantiveram práticas desenvolvidas no decorrer da intervenção do Projeto Escola de Pais, mas indicaram desejo por novas orientações, uma vez que estão diante de novas queixas e novas fases de desenvolvimento de seus filhos.

O objetivo inicial do estudo incluía avaliar participantes que haviam iniciado o Projeto Escola de Pais, que fizeram a primeira avaliação (pré-intervenção) na primeira sessão e depois desistiram por algum motivo. Esses participantes poderiam compor o Grupo Controle, que não passaram pela intervenção e poderiam ser avaliados juntamente com a avaliação do Grupo Experimental no follow-up para que fossem identificadas as práticas educativas parentais. Foram convidadas 16 pessoas que se encaixavam nos critérios acima descritos, porém apenas uma pessoa aceitou participar do presente estudo. Tendo em vista que sua participação foi interessante para que fossem feitas comparações dela com ela mesma em relação às suas práticas educativas parentais e os níveis de ansiedade, os dados serão apresentados a seguir. Vale ressaltar, entretanto, que por se tratar de apenas uma participante, os dados não são generalizáveis e não são comparáveis com o Grupo Experimental, composto por 20 participantes.

A participante MM, em 2014, era mãe de um menino de 9 anos que tinha um diagnóstico de TDAH e Depressão e apresentava um comportamento “rebelde”: Estava sempre “brigando, chutando, batendo, mordendo... E tudo que ele fazia era do jeito dele, ele

não aceitava a opinião de ninguém”. Ela foi orientada a procurar atendimento psicológico na clínica-escola para sua criança e para si. Considerou que a Escola de Pais seria uma opção interessante para ela, mas não deu continuidade aos atendimentos porque sua criança já estava sendo atendida e porque ela não teria condições financeiras para pagar o transporte até a clínica.

No momento da entrevista de follow-up as queixas sobre o comportamento da criança não estavam mais presentes. A mãe relatou que houve grandes mudanças: “Ele melhorou muito, muito, muito. Incrível! Agora ele não é mais aquele M de antes não. Tanto que ele melhorou no que eu tinha te falado, sentimentalmente. Ele já expressa emoções, ele já diz o que gosta, e o que não gosta. Quando ele não gosta, ele já fala, já mostra esse tipo de coisa”. Desde a época em que a mãe procurou orientação na clínica-escola (2014) até o momento em que foi realizada esta entrevista (2017), a criança esteve em atendimento com psicólogos e neurologistas. A queixa atual relatada pela mãe refere-se à dificuldade de alfabetização. Durante este período MM não recebeu nenhuma orientação sistemática sobre educação de filhos, tendo entrado em contato com algumas orientações pontuais dos profissionais que atendiam seu filho. Relata que caso houvesse nova oportunidade, gostaria de participar da Escola de Pais.

Em relação às avaliações de ansiedade e práticas parentais foi observada discreta melhora dos escores observados em 2014 (avaliação pré-intervenção) e 2017 (avaliação do follow-up). No BAI (Cunha, 2001), conforme apresenta a Figura 5, MM estava na categoria grave e no follow-up diminuiu para a categoria moderado, indicando menos sinais de ansiedade, entretanto ainda foi classificada em uma categoria que indica que ela está em contato com fatores ansiogênicos além do que ela tem conseguido lidar. Em relação ao IEP (Gomide & Sampaio, 2006), conforme apresenta a Figura 6, MM apresentava mais práticas

negativas do que positivas, sendo classificada na categoria Estilo Parental de Risco e permaneceu na mesma categoria no follow-up, apesar de haver um aumento do percentil.

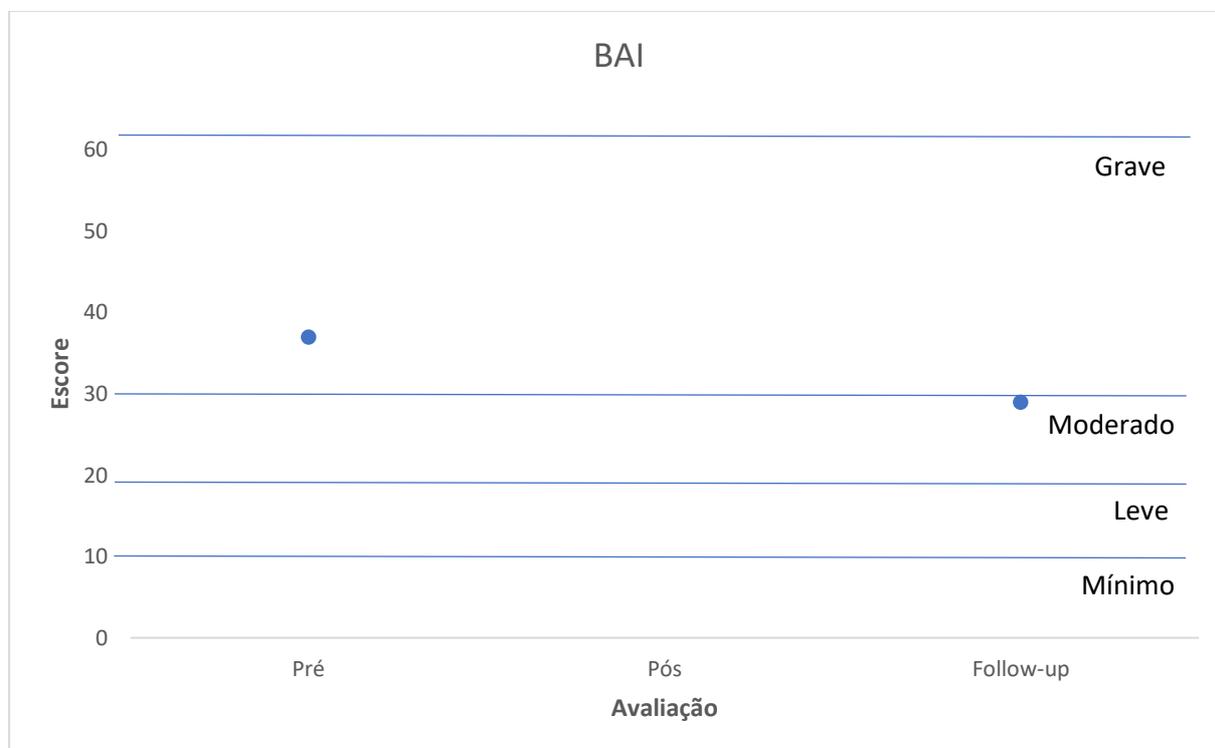


Figura 5. Escores do BAI (Cunha, 2001) da participante do Grupo Controle nas avaliações pré-intervenção, pós-intervenção e no follow-up.

Essas medidas indicam que MM tem enfrentado dificuldades na educação de seu filho, sendo que há tanto sinais importantes de ansiedade quanto a ocorrência de mais práticas educativas negativas do que positivas em seu repertório. Esses resultados correspondem ao observado nas entrevistas (Bolsoni-Silva, 2003 e semiestrutura do Grupo Controle), nas quais MM relatou alta frequência de conversas entre mãe e criança relacionada a problemas de comportamento, desinteresse por parte da criança em relação às interações com a mãe, uso de punições inefetivas, como broncas, gritos e castigos que não funcionam; dificuldades de imposição de limites. MM também relata alguns momentos prazerosos entre mãe e criança, especialmente relacionado às brincadeiras que a criança gosta de brincar – brincadeiras de lutas, futebol, videogame e tomar banho de chuva juntos.

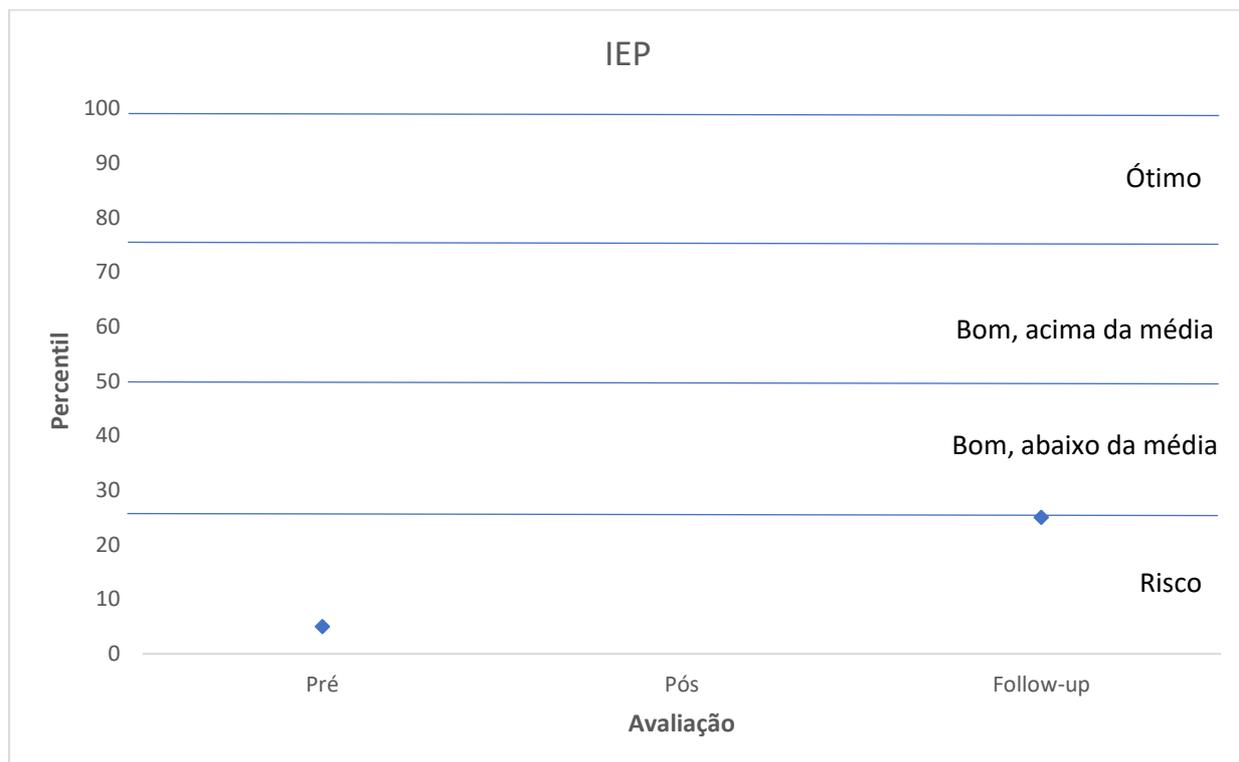


Figura 6. Percentil do IEP (Gomide & Sampaio, 2006) da participante do Grupo Controle nas situações de pré-intervenção e follow-up.

Em síntese, os dados obtidos sobre o Grupo Experimental indicaram que houve manutenção das práticas educativas positivas aprendidas e/ou desenvolvidas no decorrer das sessões dos grupos psicoeducativos da Escola de Pais, mesmo para aqueles participantes que realizaram as sessões em 2014.1, sendo avaliados em follow-up após mais de 2 anos. Em relação aos sinais e sintomas de ansiedade (BAI, Cunha, 2001) foi observado que a maioria está no nível Mínimo, considerado indicador de baixa presença de ansiedade. Em relação ao Inventário de Estilos Parentais (IEP, Sampaio & Gomide, 2006) observou-se mais práticas positivas do que práticas negativas, desempenho corroborado pelos dados obtidos nas entrevistas. Há, ainda, no repertório de alguns participantes práticas educativas negativas que, poderiam ser minimizadas ou suprimidas caso houvesse novas orientações. Os participantes demonstraram satisfação com a participação no Projeto Escola de Pais e interesse em novas oportunidades de orientação para ajuste de aprendizagens ou para enfrentar os novos desafios

que o desenvolvimento das crianças trouxe para a educação das mesmas. Em relação à participante do Grupo Controle, o fato de ela não ter tido oportunidade de participar do grupo psicoeducativo, pode estar associado aos relatos de dificuldades no manejo do comportamento do filho, e à presença de sinais importantes de ansiedade, estando classificada na categoria Moderado no BAI (Cunha, 2001) e no Estilo Parental de Risco no IEP (Sampaio & Gomide, 2006). Tais medidas são indicativas de necessidade de apoio e orientação para esta mãe.

O presente estudo teve como objetivo avaliar a intervenção em grupos psicoeducativos do Projeto Escola de Pais a partir de um follow-up realizado com um intervalo de 6 a 32 meses após o término da intervenção. No conjunto os dados obtidos demonstraram que a intervenção foi efetiva para a manutenção de práticas educativas parentais positivas no longo prazo. O presente estudo, portanto, contribui para a área de orientação a pais com uma intervenção que apresenta evidências empíricas sobre sua efetividade.

5. Referências

- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. Em H. J. Guilhardi (Org.), *Sobre comportamento e cognição* (Vol. 8, pp. 52-57). Santo André, SP: ESETec.
- American Psychological Association/ Presidential Task Force on Evidence-Based Practice (2006, May-Jun). Evidence-based practice in Psychology. *American Psychologist*, 61, 271–285.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.

- Bolsoni-Silva, A. T. (2003). *Habilidades Sociais Educativas, variáveis contextuais e problemas de comportamento: comparando pais e mães pré-escolares*. Tese de Doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
- Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos em Psicologia*, 7 (2), 227-235.
- Canaan-Oliveira, S., Neves, M. E. C., Silva, F. M & Robert, A. M. (2002). *Compreendendo seu filho – Uma análise do comportamento da criança*. Belém: Paka-Tatu.
- Carvalho, M. C. N. & Gomide, P. I. C. (2005). Práticas educativas parentais em famílias de adolescentes em conflito com a lei. *Estudos de Psicologia – Campinas*, 22(3), 263-275.
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da versão em Português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Del Prette, A. & Del Prette, Z. A. P. (2001). *Psicologia das relações interpessoais: vivências para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes.
- Gomide, P. I. C. (2004). *Pais presentes, pais ausentes: Regras e limites*. São Paulo: Vozes.
- Gomide, P. I. C., & Sampaio, I. T. A. (2006). Inventário de Estilos Parentais (IEP) - Gomide e Sampaio (2006) Percurso de Padronização e Normatização. *Psicologia Argumento*, 25(48), 15-26.
- Jatobá, J. D. V. N., Bastos, O. (2007). Depressão e ansiedade em adolescentes de escolas públicas e privadas. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 56 (3), 171-179.
- Leonardi, J. L. & Meyer, S. B. (2015). Prática baseada em evidências em Psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1139-1156.

- Marinho, M. L. (2005). Um programa estruturado para o treinamento dos pais. Em V. E. Caballo & M. A. Simón (Orgs.), *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente – transtornos específicos* (pp. 417-443). São Paulo: Santos Editora.
- Marinho, M. L., & Silveira, E. F. M. (2000). Modelos de orientação a pais de crianças com queixas diversificadas. Em R. C. Wielenska (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 6. Questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas e em outros contextos* (pp. 171-185). Santo André: Arbytes.
- Marturano, E. M. (2004). Fatores de risco e proteção no desenvolvimento socioemocional de crianças com dificuldades de aprendizagem. Em E. G. Mendes, M. A. Almeida & L. C. A. Williams (Eds.), *Avanços recentes em educação especial* (pp. 159-165). São Carlos, SP: EDUFSCar.
- Murta, S. G. (2008). A prática grupoterápica sob o enfoque psicoeducativo: Uma introdução. Em S. G. Murta (Org.), *Grupos psicoeducativos: Aplicação em múltiplos contextos* (pp. 13-30). Goiânia: Porã Cultural.
- Oliveira, J., Mendez, F. X., & Ros, M. C. (2005). O treinamento de pais em contextos clínicos e da saúde. Em V. E. Caballo & M. A. Simon (Orgs.), *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente: Transtornos específicos* (pp.365-385). São Paulo: Santos.
- Prinz, R. J., Sanders, M. R., Shapiro, C. J., Whitaker, D. J. & Lutzker, J. R. (2009). Population-Based Prevention of Child Maltreatment: The U.S. Triple P System Population Trial. *Prev Sci*, 10, 1-12.
- Ribeiro, M. R., Bohrer, J. P. S. A., Antunes, R. A. B., Costa, R. F., Ferreira, R. C., Guimarães, J. (2014, setembro). *Escola de Pais: Treinamento de Práticas Positivas Parentais em Grupos Psicoeducativos*. Trabalho apresentado no XXIII Encontro da Associação Brasileira de Psicologia e Medicina Comportamental, Fortaleza, Ceará.

- Ribeiro, M. R. & Guimarães, J. S. (2015, julho). *Estilos Parentais: Estudo Comparativo entre Cuidadores de Crianças com e sem Diagnóstico de Paralisia Cerebral*. Trabalho apresentado no XXXV Congresso Americano de Psicologia, Lima, Peru.
- Rios, K. S. A. & Williams, L. C. A. (2008). Intervenção com famílias como estratégia de prevenção de problemas de comportamento em crianças: Uma revisão. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 13 (4), 799-806.
- Sanders, M. R. (2005). Uma estratégia de intervenção comportamental familiar em níveis múltiplos para a prevenção e tratamento dos problemas de comportamento infantis. Em V. E. Caballo & M. A. Simón (Orgs.), *Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente – transtornos específicos* (pp. 387-415). São Paulo: Santos Editora.
- Sanders, M. R., Markie-Dadds, C., Tully, L. A., & Bor, W. (2000). The Triple P-Positive Parenting Program: A Comparison of Enhanced, Standard, and Self-Directed Behavioral Family Intervention for Parents of Children with Early onset Conduct Problems. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 68 (4), 624-640.
- Shaffer, A., Kotchick, B.A., Dorsey, S., & Forehand, R. (2001). The past, present and future of behavioral parent training: interventions for child and adolescent problem behavior. *The Behavior Analyst Today*, 2 (2), 91-105.
- Sidman, M. (1960/1976). *Táticas da pesquisa científica: Avaliação dos dados experimentais na psicologia*. São Paulo: Brasiliense. Sidman, M. (2003). *Coerção e suas implicações*. São Paulo: Livro Pleno.
- Weber, L., Salvador, A. P., & Brandenburg, O. (2011). *Programa de qualidade na interação familiar - Manual para aplicadores*. Curitiba: Juruá.
- Weber, L. N. D, Selig, G. A., Bernardi, M. G. & Salvador, A. P. V. (2006). Continuidade dos estilos parentais através das gerações – Transmissão intergeracional de estilos parentais. *Paidéia*, 16 (35), 407-414.

Webster-Stratton, C. (1994). Advancing Videotape Parent Training: A Comparison Study.

Journal of Consulting and Clinical Psychology, 62 (3), 583-593.

Webster-Stratton, C. (2006). *How to promote children's social and emotional competence*.

London: SAGE Publications.

Zinn-Souza, L. C., et al. (2008). Factors associated with depression symptoms in high school

students in São Paulo, Brazil. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, 42 (1), 34-40.